

Penúria afeta Instituto de Educação

Foi-se o tempo em que, de meia soquete, sapato boneca, saias no tornozelo e gravatinha borboleta, as normalistas do Instituto de Educação enchiam os corredores do colégio e se gabavam de pertencer a elite do ensino carioca. Hoje, o abandono é que parece tomar conta de cada espaço da escola, que já foi considerada o maior centro de excelência para o ensino do magistério do Rio de Janeiro, na década de 50. Época conhecida como Anos Dourados, quando compositores como Vinícius e Toquinho eram figuras assíduas nos badalados shows de bossa nova que eram constantemente promovidos pelo Instituto.

Aos 117 anos e tombado pelo patrimônio histórico, o colégio sofre com o descaso que assola o ensino público em geral. Distante do brilho dos banheiros com mármores de Carrara e dos pisos de cerâmica, ele é, atualmente, mais um triste registro da situação em que se encontram as esco-

las da rede estadual. A lista dos problemas é extensa: faltam professores e serventes, as salas estão inchadas de alunos, o lixo se acumula nos pátios, as paredes, piçadas, estão cheias de infiltrações e as duas piscinas estão quebradas e não podem ser utilizadas.

São 5,1 mil alunos no Instituto de Educação — em sua maioria oriundos de áreas carentes como Baixada Fluminense e Zona Norte — que terminaram o primeiro semestre sem conhecer os 20 professores de que o colégio atualmente necessita. Do Instituto saíram estudantes ilustres como a atriz Tônia Carrero e ex-prefeito do Rio, César Maia.

Lembranças — “O sonho dourado de toda mãe era ver seu filho casado com uma normalista”, recorda a professora e ex-aluna, Ena Maria Toledo. “Tudo de mais superlativo que se possa dizer sobre educação o Instituto de Educação foi o berço”, comenta, antes de passar à realidade. “O que era mérito do passado hoje se transformou em carência. A educação não merecia ser tão maltratada”, lamenta Nássero Soares Santos, ex-administrador do colégio.